

**O DESCONHECIDO, TÃO ASSUSTADOR PARA MIM:
A SUBSCRIÇÃO DE TOLKIEN E A TEXTUALIDADE LLANSOL,
UM ENSAIO DE LEITURA**

Jonas Miguel Pires Samudio (Fapemig/ UFU)
alfjonasss@yahoo.com.br

Resumo: “No mesmo período (1938-39) [...] *O Senhor dos Anéis* começava a se desenvolver e a desdobrar perspectivas de labuta e exploração numa terra ainda desconhecida, tão assustadora para mim quanto para os hobbits”, afirma John Ronald Reuel Tolkien, na “Nota introdutória” ao ensaio *Sobre histórias de fadas* (2010, p.7). Partindo das reflexões a respeito do *desaparecimento da literatura* (BLANCHOT, 2011), da possibilidade de uma escrita que, sem vincular-se à representação (CASTELLO BRANCO, 2000), resta como tentativa de se criar um momento de história (BLANCHOT, 2005), investigaremos a literatura de fantasia de Tolkien como uma experiência de escrita – segundo o conceito tolkieniano de *subscrição* (TOLKIEN, 2010) –, ligada *ao acontecer da obra*, ao seu desdobramento, pois “conforme a história se desenvolvia, foi criando raízes (no passado) e lançou ramos inesperados” (TOLKIEN, 2000, p.XIII; p.XV). Para tanto, a noção de textualidade Llansol nos será igualmente importante, pois, ao nos afirmar que “não há literatura. Quanto se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros” (LLANSOL, 2011, p.52), a autora amplia a compreensão de literatura, tomando-a como um acontecer que não se encerra em números e produções, mas é uma experiência ligada ao desconhecido, no gesto escritural, que, enlaçando a criação e a história, realiza a beleza como “um grau elevado de pensamento” (LLANSOL, 1991, p.87) sobre o acontecer-humano.

PALAVRAS CHAVE: Tolkien. Textualidade Llansol. Subscrição. Escrita.

Eä!
Que as coisas sejam!
John Ronald Reuel Tolkien

O que ia constituindo vários cadernos com valor literário inigualável em experiência de vida.
Maria Gabriela Llansol

Estamos no campo do ensaio. Estamos, igualmente, no campo aberto das possibilidades. No campo do dizer, em que o verdadeiro se esconde, e se diz, como um ponto de estranhamento, como um real.

De início, percebemos neste ensaio – que é um lugar de escrita – um perigo, que pode ser dito com traços de pergunta: é possível aproximar as propostas literárias de John Ronald Reuel Tolkien e de Maria Gabriela Llansol? A resposta: dificilmente.

Donde emerge outra questão, desenvolvida como duas: em sendo possível, por onde se começa? Em sendo não-possível, o que, então, se faz, aqui?

A resposta: não se começa por certezas, pelo “inferno de entender e de fazer entender”, diria Llansol (1996, p.19); antes, escrever é aproximar-se de um ponto

desconhecido que nos toma a mão (BLANCHOT), deixá-lo traçar algumas notas num amontoado de papel para que, nesse, desfaça-se o nó da certeza, e faça-se presente a busca, aquilo que a tudo põe em risco (BLANCHOT, 2005, p.288).

Os autores ora propostos como tentativa de compreensão e aproximação de uma experiência de escrita – Tolkien (1892-1973) como *o que experimenta*, Llansol (1931-2008) como *algo que se diz da experiência* – têm, é sabido, propostas diversas de literatura – ele trata de escrever ficção no *gênero fantasia*; ela escreve um texto *além da representação* –, viveram em situações históricas diversas – enquanto um já alcançara *uma forma* para sua obra, a outra descobria o espaço do *corp'a'screver* inscrito no texto –, e isso apenas situando alguns afastamentos das propostas de ambos os autores.

Contudo, tomando a palavra que pré-antecede o fim dessa frase escrita/lida – lida por quem escreve, escrita por quem lê –, recordamo-nos da proposta de *ambo*, de Maria Gabriela Llansol. Com essa expressão, a autora dá-a-ver que, conforme Lacan, se a relação sexual não existe – pois a complementaridade não é possível –, cada encontro pode ser manifestação das diferenças, fortalecimento daquilo que move – não o desejo de hermafrodita, não o desejo de andrógino – mas a *troca verdadeira*, uma via entre “alternativas irreduzíveis entre si” (SOARES, 2012, p.201), uma terceira via, para além do binômio possibilidade-impossibilidade de encontro.

Ensaaiemos uma leitura em forma de *ambo*¹, de Tolkien e Llansol. Iniciamos, pois, com um texto do autor britânico, um fragmento de sua obra mais conhecida, *O Senhor dos Anéis* (2000), que nos servirá de bússola para nosso encontro. O texto encontra-se no final do segundo volume da trilogia (“As duas torres”), no capítulo intitulado: “As escolhas de mestre Samwise”. Nesse, *Frodo* e *Sam*, tendo se afastado do restante da Companhia Cinzenta, tendo se encontrado com a criatura *Gollum*, e, por ela, sido traídos, acabam se distanciando um do outro, ao atravessar a Toca de *Laracna*, nas fronteiras de *Mordor*, lar do vilão sem corpo, *Sauron*. Nesse distanciamento, *Frodo* acabada sendo atacado pelo monstro, e *Sam*, tomado de pungência, põe-se ao lado de seu mestre, dando a ver um instante em que se mesclam a necessidade de dar continuidade à missão outorgada a eles pelos poderosos, e o desejo de permanecer ao lado daquele que se acompanha em afeto. Sigamo-lo:

¹ Um **ambo**, no texto de Llansol, é o modo pelo qual as **figuras** se relacionam e compõem, lado a lado, parte do texto. No cerne de todo **ambo**, que existe a título de imagens que não se confundem com pares amorosos ou com relações especulares entre personagens pretensamente equivalentes, está o afeto. Afeto resultante do encontro entre **figuras**, invariavelmente diversas quanto à sua natureza (COSTA, Erick Gontijo. *Curso de silêncio: Maria Gabriela Llansol e a escrita das imagens curativas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, p.47 – Dissertação. Destaques no original).

Mas não conseguia partir, ainda não. Ajoelhou-se e segurou a mão de Frodo, sem conseguir soltá-la. O tempo passou e ele continuava ali ajoelhado, segurando a mão de seu mestre, e travando um debate em seu coração.

Agora tentava encontrar forças para se separar e partir numa jornada solitária – de vingança. Se conseguisse ir, seu ódio o carregaria em todas as estradas do mundo, procurando, até que finalmente o encontrasse: Gollum. Então Gollum morreria encurralado. Mas não era essa a sua tarefa. Não valeria a pena deixar seu mestre por esse motivo. Isso não o traria de volta. Nada poderia trazê-lo de volta. Seria melhor que os dois tivessem morrido juntos. E essa também seria uma viagem solitária.

Fixou a ponta brilhante da espada. Pensou nos lugares pelos quais passara e onde havia um precipício negro, onde poderia cair no escuro, dentro do nada. Por ali não havia como escapar. Isso seria o mesmo que não fazer nada, nem mesmo chorar. Não era essa a sua tarefa. – Que devo fazer então? – gritou ele de novo, e agora parecia saber perfeitamente a dura resposta: *passar por isso*. Outra jornada solitária, e a pior de todas.

– O quê? Eu sozinho, ir até a Fenda da Perdição e tudo o mais? – Ainda vacilava um pouco, mas a resolução crescia dentro dele. – O quê? *Eu* tirar o Anel *dele*? O Conselho o deu a ele.

Mas a respostas veio imediatamente: – E o Conselho lhe deu companheiros, para que a missão não fracassasse. E você é o último membro de toda a Comitiva. A missão não deve fracassar.

– Gostaria de não ser o último – gemeu Sam – Gostaria que o velho Gandalf estivesse aqui, ou alguém. Por que fui deixado sozinho para tomar uma decisão? Com certeza fracassarei. E não devo pegar o Anel, tomando a dianteira.

– Mas não foi você quem tomou a dianteira, você foi colocado nessa posição. E quanto a ser a pessoa certa e adequada, bem, o Sr. Frodo também não era, como se pode dizer, nem o Sr. Bilbo. Eles não se elegeram.

– Está bem, devo decidir sozinho. Vou decidir. Mas com certeza vou fracassar: isso seria absolutamente digno de Sam Gamgi.

– Deixe-me ver agora: se formos encontrados aqui, ou se o Sr. Frodo for encontrado, e a Coisa estiver com ele, bem, o Inimigo vai se apoderar dela. E isso será o fim de todos nós, de Lórien, e de Valfenda e do Condado, e de tudo. E não há tempo a perder, ou de qualquer jeito será o fim. A guerra começou, e é mais provável que as coisas já estejam indo bem para o Inimigo. Não há chance de voltar com a Coisa para obter conselhos ou permissão. Só há duas escolhas: ficar sentado aqui até que eles venham e me derrubem morto sobre o corpo de meu mestre, e A levem; ou pegá-la e partir. – Respirou fundo. – Então é pegá-La! (TOLKIEN, 2000, p.772-773).

O texto, conforme se lê, refere-se a uma situação de escolha, de decisão não demarcada pelos adjetivos facilitadores de *melhor ou pior*; a situação é de enfrentamento *do que deve ser feito*, tendo em vista a responsabilidade sobre a história e sobre a singularidade da vida de cada uma das formas do vivo, inscritas na Terra-Média.

Certamente, é possível que o texto seja lido como alegoria: o anel representando algum tipo de poder, sedutor e aniquilador da vontade de viver, uma coisa ínfima que impede a lei de crescimento de cada um; Sam e Frodo, os *hobbits*, como alegoria dos pobres e pequenos, tão importantes quanto os grandes para o futuro do mundo e da história. Entretanto,

se procuramos encontrar a escrita tolkieniana como experiência, a alegoria nos parece uma tentativa de leitura redutora.

Seria possível, pois, ler o fragmento acima como alegoria da decisão diante de situações de intrincada dificuldade?

O autor antecipa-se a essa possível leitura, afirmando, do ponto de vista de sua obra de fantasia, que além de não ter intenção alegórica com a obra (TOLKIEN, 2006, p.284), há diferença entre “alegoria” e “aplicabilidade”: “Muitos confundem ‘aplicabilidade’ com ‘alegoria’; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor” (2000, p.XV) e, além disso, “quanto a qualquer significado oculto ou ‘mensagem’, na intenção do autor estes não existem. O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos” (p.XIV). Curiosamente, para o autor, não há, nessa reflexão, relação de embate entre uma ideia de alegoria/história *versus* verdade, pois a questão não é que a alegoria esteja distante da verdade, mas que “quanto melhor e mais consistente for uma alegoria, mais facilmente ela pode ser lida ‘apenas como uma história’” (TOLKIEN, 2006, p.120). E note-se, *como uma história*, destacando-se, aqui, na compreensão tolkieniana, que a alegoria cerceia as possibilidades de criação de sentido!² O uso do artigo pode-nos reportar à afirmação de Maria Gabriela Llansol, em *Um beijo dado mais tarde*, um ensino sobre a leitura:

Nunca olhes os bordos de um texto. Tens que começar numa palavra. numa palavra qualquer se conta. Mas, no ponto-voraz, surgem fugazes as imagens. Também lhes chamo figuras. Não ligués excessivamente ao sentido. A maior parte das vezes, é impostura da língua. Vou, finalmente, soletrar-te as imagens deste texto, antes que meus olhos se fiquem (LLANSOL, 1991, p.112-113).

Aqui, podemos pensar: os bordos desenhados do texto de Tolkien, quais são, para que não nos afixemos neles? Onde começam as palavras desse texto?

Tomamos, aqui, a mesma perspectiva do autor: lidar com as palavras como *Humpty Dumpty* (TOLKIEN, 2010, p.54), tomando-as como as próprias coisas. Há, pois, que se descobrir, não inventar! (TOLKIEN, 2000, p.XIII), os pontos de contato entre o mundo em que estamos – o mundo primário – e o Belo Reino – o mundo secundário –, sob a técnica da

² Nesse sentido, Tolkien parece ter uma compreensão bastante específica de “alegoria”, que se distancia da noção benjaminiana. Segundo Junkes (1994), para Benjamin, “a alegoria busca seu sentido no mundo histórico, após separar-se natureza e linguagem, tendo emudecido a natureza e necessitando o homem atribuir-lhe sentido. Então, o sentido alegórico nasce como resultante da relação subjetiva entre signo e coisa, intensificando o princípio da subjetividade subjacente a todo sentido no mundo histórico” (p.129). Além disso, a subjetividade participa do processo de construção do sentido alegórico, que não está dado, e põe-se em relação com o princípio de historicidade (JUNKES, Lauro. O processo de alegorização em Walter Benjamin. *Anuário de Literatura* 2, UFSC. 1994, p. 125-137. Disponível em: < journal.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5361/4758>. Acesso em 19.abr.2013).

subcriação, essa possibilidade de se escrever, e se entrever, um mundo aberto e natural, a respeito do qual não se escreve tudo por que, dele, não se pode saber tudo.

Foi com os contos de fadas (que não necessariamente precisam conter fadas!), que Tolkien aprendeu a potência das palavras (2010, p.68). E, ainda que tenha se dedicado à vida acadêmica, foi na literatura de fantasia que realizou seu desejo por fazer longas histórias (2000, p.XIV), fazendo-o de modo difícil, em constante processo de reescrita (2010, p.112), como uma experiência de procrastinação (p.24), próxima das tentativas de escape do prisioneiro – para quem “o mundo exterior não se tornou menos real porque o prisioneiro não consegue vê-lo” (TOLKIEN, 2010, p.68) – que nos dá uma visão mais clara do mundo *de fora*, distante das fugas do desertor (p.68), que nos alheiam do mundo (KYRMSE, 2003, p.23). Aqui residiria a função de *escape* da literatura de fantasia.

Cumpre, nesse ponto, tornar presente a afirmação de Italo Calvino, quando, desenvolvendo sua proposta de *Leveza*, afirma que a literatura, ao olhar indiretamente para o mundo, não o rejeita, antes o vê em meio a outras possibilidades de visão – como Perseu em sua relação com a Medusa:

Perseu consegue dominar a pavorosa figura mantendo-a oculta, da mesma forma como antes a vencera, contemplando-a no espelho. É sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver, uma realidade que ele traz consigo e assume como um fardo pessoal (CALVINO, 2011, p.17).

A *subcriação* – que aproxima escritor do Criador –, pois, seria o modo de acesso ao real do Belo Reino, o espaço do encantamento: “o Belo Reino não pode ser capturado numa rede de palavras, porque uma de suas qualidades é ser indescritível, porém não imperceptível. Ele tem muitos ingredientes, mas uma análise não necessariamente revelará o segredo do todo” e “‘história de fadas’ é aquela que resvala ou usa o Belo Reino” (2010, p.16). Disso, reportamo-nos à afirmação radical de Maria Gabriela Llansol: “não há literatura. Quanto se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros” (LLANSOL, 2011, p.52). Assim, a escrita que resvala para o Belo Reino, quando não presa a alegorias, à possibilidade de *uma só história*, a uma impostura da interpretação, poderia ser compreendida como a escrita de um texto não-alegórico, não-metafórico, o encontro com a pujança das palavras e com “o prodígio das coisas, como pedra, madeira, ferro, árvore e grama, casa e fogo, pão e vinho” (TOLKIEN, 2010, p.68), um texto em que “não há metáforas. Uma coisa é ou *não é*. Não existe o *como se*.” (LLANSOL, 2011a, p.48, *itálicos no original*), em que as palavras são palavras, e são a própria coisa que se diz, e em

que Sam, ao lado de Frodo, é Sam decidindo-se, no agora do texto, sobre o que fazer para proteger o futuro, o seu e o dos outros, alguns que têm nome, outros que ainda não o têm.

Um encontro, este, que desliza do metafórico e do alegórico para o próprio texto e sua força de viver:

É minha convicção que, se se puder deslocar o centro nevrálgico do romance, descentrá-lo do humano consumidor de social e de poder, operar uma mutação da **narratividade** e fazê-la deslizar para a **textualidade** um acesso ao novo, ao vivo, ao fulgor, nos é possível (LLANSOL, 1994, p.120, negritos no original).

E por que não acessar o vivo, o fulgor, o novo pelas fronteiras do Belo Reino?

Portanto, cabe-nos abordar, de acordo com nossa leitura, a *Literatura de Fantasia* não como uma literatura em oposição ao real, pois o Belo Reino não seria, de fato, um ponto de fuga, um espaço criado pelos sonhos – pois circunscrever, definir, tais esforços são uma forma apaziguadora de enfrentar, ou não, as problematizações que surgem e bordejam leituras da obra que, por ora, abordamos. A *Fantasia* seria, antes, outra possibilidade de acesso ao fulgor, ao novo, ao vivo, outra possibilidade de se viver esse acesso, e, afirmamos, outra tal qual é a *textualidade*. Também favorável a esse ponto de vista parece estar Italo Calvino (2011),

Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos... (p.19)

Com o que concorda Maria Gabriela Llansol ao afirmar que a *textualidade* é realista (1994, p.121), em um sentido diverso daquele modulado pela lógica aristotélica.

Assim, nesse acesso-possível, o texto resvala para o não-sentido, para o que, mesmo que sempre se apresentando, resiste à significação: o Belo Reino, de Tolkien, e, poderíamos dizer, o Real de Llansol, e o real de Lacan, o “desprovido de sentido” (2007, p.131), que resiste à simbolização da linguagem: “[o real] é sempre um pedaço, um caroço. É, com certeza, um caroço em torno do qual o pensamento divaga, mas seu estigma, o do real como tal consiste em não se ligar a nada. Pelo menos é assim que concebo o real” (LACAN, 2007, p.119). Certas experiências de escrita o perseguem, como afirma Lucia Castello Branco a respeito do texto de Llansol,

Se o real não é representável, mas apenas demonstrável, talvez seja possível concebermos um texto que [...] abandone definitivamente a representação e passe à demonstração – à mostração – do real. Esse texto, portanto, nascido da força “realista da letra”, e não da sua força simbólica, é capaz de produzir outros efeitos e de realizar outros atos de escrita e de leitura (CASTELLO BRANCO, 2007, p.244).

E, nesse exercício de mostração, pode-se ter notícias longínquas vindas de um outro lugar, um outro espaço livre de tempo (LLANSOL, 2011, p.123); talvez, lampejos que “abrem uma porta para Outro Tempo e, se a atravessarmos, nem que seja por um momento, estaremos fora de nosso tempo, talvez fora do próprio Tempo” (TOLKIEN, 2010, p.39).

É, assim, possível que se considere que, do mesmo modo que “a textualidade é realista, se souber que, neste mundo, há um mundo de mundos, e que ela os pode convocar, para todos os tempos, para lá do terceiro excluído, e do princípio de não-contradição” (LLANSOL, 1994, p.121), no texto em que “é essencial não ligar o intelectivo a qualquer lógica” (LLANSOL, 2003, p.11), também as histórias que se passam na Terra-Média não estão fora de nosso mundo, mas fazem parte dos mundos possíveis nesse mundo. Afirma Tolkien

“Terra-média”, a propósito, não é um nome de uma terra imaginária sem relação com o mundo no qual vivemos [...]. É apenas um uso da palavra *middel-erde* (ou *erthe*) do inglês médio, alterada a partir da palavra *Middangeard* do inglês antigo: o nome para as terras habitadas dos Homens “entre os mares” (2006, p.212).

E aquilo que lá ocorre, como a Guerra do Anel e, mesmo, o momento de escolha de Sam, entre esperar a morte ou ir atrás dela – a jornada mais solitária, perdida entre as brumas de escolhas, por vezes feitas por outros – não se dá “em um mundo ‘imaginário’, mas [num] momento imaginário na ‘Terra-Média’ – que é a nossa habitação” (p.234).

De modos e por meio de experiências diversas, Llansol e Tolkien bordejam o sem-sentido – o real, o Belo Reino –; são, por ele, seduzidos, guiados por uma pulsão de escrita (LLANSOL, 2003, p.31), talvez, por um *furor scribendi* (TOLKIEN, 2006, p.124), desejando abordar, “cada um por sua conta, risco e alegria, [...] a força,/ o real que há-de vir ao nosso corpo de afectos” (LLANSOL, 1994, p.121). Esse *ambo* escreve, e circunscreve, diferentes áreas na linguagem (LLANSOL, 2011, p.35), e, ainda, cria línguas e concebe um mundo em que elas vivam, formas do vivo que as aceitem em seu próprio corpo de afetos, que, tendo construído sua vida sobre um primeiro pensamento verdadeiro (LLANSOL, 1996, p.21) – no Belo Reino, nos mundos no mundo – não se perdem, caminham: Sam em direção ao futuro incerto, logo depois ao fogo e ao retorno à casa; Frodo em direção àquilo que, embora tendo sido conquistado por sua perda, não mais lhe pertence; como “membros, que continuam a existir no plano do criado, e do increiado” (p.14), pois “todas as joias se transformam em flores ou chamas, e seremos alertados de que tudo o que tínhamos (ou conhecíamos) era perigoso e poderoso, não realmente acorrentado com eficácia, livre e selvagem, tão pouco nosso quanto éramos nós” (TOLKIEN, 2010, p.67), a própria escrita como forma de viver, e vir a ser.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. *As cartas de J.R.R. Tolkien*. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte&Letra, 2006.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. ANDRADE, Vania Baeta (orgs). *Livro de asas: Para Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 23: O Sinthoma*. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. Lituraterra. In: _____. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.15-25.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. *O Falcão no punho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. *Lisboaleipzig I: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Edições Rolim, 1994.
- _____. *O Senhor de Herbais*. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.
- _____. *Causa amante*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- _____. *Na casa de julho e agosto*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.
- _____. *Um beijo dado mais tarde*. Lisboa: Edições Rolim, 1991.
- SOARES, Maria de Lourdes. “Um torvelinho de intensidades”: O texto-querubim e daïmon da escrita. In: *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 4, nº 8, Abril de 2012.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Sobre histórias de fadas*. Trad. Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad, 2010.
- _____. *O Senhor dos Anéis*. Trad. Lenita M. R. Esteves; Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. Prefácio. In: _____. *O Senhor dos Anéis*. Trad. Lenita M. R. Esteves; Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.XIII-XVI.